

Livros

América Latina - Jogos de poder

Julia Buxton

"Este livro nasce de um grande amor e apreço pela América Latina"; um sentimento que permeia, de forma portentosa, esta vigorosa e informativa colectânea, intitulada *Politics of Latin America*, que através de uma abordagem multidisciplinar fornece material empírico para compreender os complexos jogos de poder latino-americanos. A tese central deste trabalho é que a análise do contexto sócio-económico e histórico da região é fundamental para a compreensão da actual cena política. Em resultado, o livro assume uma abordagem multidisciplinar, o que, por seu turno, fornece material empírico relevante de apoio à tese de que a política diz respeito ao poder e à influência, algo que a maioria dos “cidadãos” da América Latina não possui nem exerce. Assim, como entender as persistentes desigualdades políticas, sociais e económicas que caracterizam a região?

Segundo os autores, “o fascínio pela forma como a política é exercida” na América Latina levou-os a um relato informativo sobre a história colonial e a luta pela independência, que ocupa os três primeiros capítulos. Analisando em detalhe o impacto e as consequências do colonialismo espanhol e português, Prevost e Vanden juntam de forma feliz a narrativa com a análise. Os seus relatos sobre a escravatura, as primeiras explorações de recursos e a ordem social e religiosa imposta fornecem as bases tanto para uma interessante discussão per se como para alicerçar os três capítulos seguintes. Com uma orientação mais sociológica, discutem a raça, o género e a religião, num contexto histórico e contemporâneo e é aqui que fica patente o real entendimento que os autores têm da sociedade latino-americana. Escritos num estilo vibrante e vigoroso, estes capítulos baseiam-se em exemplos de diversos países. As experiências seleccionadas dos países escolhidos são escalpelizadas, permitindo assim evitar as generalizações conceptuais excessivas que tendem a caracterizar alguma da escrita contemporânea sobre a América Latina. O que nos conduz a uma das maiores forças deste livro – captura de forma consistente a diversidade e complexidade da região.

O capítulo 7, que se debruça sobre a economia política, consegue condensar o que é frequentemente um verdadeiro desafio para os que se iniciam no estudo desta região, numa análise clara e concisa das experiências da América Latina com distintos modelos económicos. A clareza da discussão é facilitada pela análise prévia do período colonial. A este respeito, o legado da exploração inicial dos recursos, a ironia da existência de uma grande riqueza de recursos em paralelo com uma enorme pobreza e a influência (maioritariamente negativa) de actores externos, é exposta de forma clara e integrada na discussão relativa às limitações dos actuais modelos económicos – e especificamente do neoliberalismo. Nestes capítulos encontra-se uma rica informação estatística, gráficos e definições úteis de conceitos chave. Quando o leitor chega ao capítulo 8, *Politics, Power, Institutions and Actors*, o livro já forneceu os antecedentes sociais, económicos e históricos dos países. Assim, apesar de tradicionalmente ser uma leitura árida, o relato feito sobre os partidos, burocracias e constituições lança novas questões. Questões relativas, por exemplo, à qualidade da democracia ou à possibilidade de uma representação que faça sentido no contexto de uma profunda desigualdade sócio-económica, são colocadas de forma acutilante. Com a riqueza da informação fornecida nos capítulos anteriores, só se pode acompanhar a afirmação dos autores de que “existe potencial para um significativo mal-estar”, uma ideia claramente reforçada pelos recentes acontecimentos na Argentina e na Venezuela.

Uma das grandes forças desta obra é o seu timing. A história recente da América Latina caracteriza-se por uma industrialização conduzida pelo Estado, a nível económico, e por um autoritarismo militar, a nível político. A década de 80 marcou uma dramática reorientação em direcção à “reforma” neoliberal e à democratização. Mais de uma década passada, as mudanças dos anos 80 podem ser agora correctamente avaliadas. As políticas de economia de mercado, no contexto da globalização e da regionalização, cedo trouxeram, de facto, dividendos. A inflação caiu drasticamente e registou-se um crescimento positivo do PIB na maioria dos países que adoptaram o “consenso de Washington”. O sucesso destas políticas, no entanto, teve um enorme custo social a que, globalmente, os governos não responderam, e que levanta preocupações sérias relativamente à qualidade do “capital social” da região. O neoliberalismo exacerbou a desigualdade, aumentou a vulnerabilidade da América Latina relativamente a uma economia internacional volátil e não conduziu a um crescimento sustentado de longo prazo. Na esfera política, o cepticismo e a alienação substituíram em grande medida o

anterior entusiasmo pela “democracia”. Persistem as violações dos direitos humanos e a aplicação de políticas neoliberais teve um efeito devastador na sociedade civil, pois implica necessariamente o afastamento do Estado dos interesses sectoriais – com a excepção, óbvia, dos interesses da elites. Enquanto no período imediatamente posterior à redemocratização houve uma tendência para o consenso entre partidos de esquerda e de direita (com as divisões políticas a diminuírem precisamente quando aumentavam as sociais), emerge agora uma nova dinâmica política. Surgem novas organizações para canalizar a hostilidade popular face aos custos do neoliberalismo e à frustração com a elite política tradicional. Esta é uma tendência relativamente nova, mas que Vanden e Prevost conseguem detectar, ao mesmo tempo que apresentam o contexto histórico das actuais tensões políticas e económicas.

Partindo daqui, o último capítulo desta secção dedica-se à rebelião e à revolução – “uma tradição latino-americana com 500 anos”. Um leque de estudos de caso da América Central e do Sul demonstra a diversidade das experiências revolucionárias da região – e a persistência das suas causas estruturais. O capítulo, tal como os que o antecedem, integra harmoniosamente teoria e narrativa. A referência feita ao fim deste livro faz novamente todo o sentido quando Prevost e Vanden afastam a sua análise dos movimentos sociais que emergiram no passado recente e que têm sido alvo de uma intensa atenção académica. Segundo os autores, estas organizações “não são necessariamente capazes de articular a visão mais abrangente de mudança societal que as desigualdades sociais e políticas da região requerem”. Como tal, o contínuo surgimento de movimentos revolucionários pode ser “inevitável”.

A primeira secção do livro contém uma análise detalhada, empiricamente sustentada e dinâmica do exercício do poder na América Latina. A segunda secção compreende 6 capítulos, cada um dos quais dedicado a um país – Guatemala, Nicarágua, Cuba, México, Argentina, Chile e Brasil – alguns dos quais escritos por autores convidados. O objectivo, segundo Vanden e Prevost, é fornecer exemplos específicos sobre “como se joga o jogo do poder”. Estruturar um livro desta forma tem um risco inevitável: as duas secções podem ser lidas como dois livros distintos. Este risco é largamente evitado, pois os países são analisados com as lentes dos tópicos, como o colonialismo, o género, a raça e as instituições, abordados na primeira secção. Ao aplicarem rigorosamente este quadro, os capítulos dos países evitam o risco de serem narrativos ou de usarem a óptica de uma única disciplina, reforçando, e ligando-se frutuosamente, à primeira secção.

Globalmente, é uma leitura bem estruturada e estimulante. Para os que se iniciam nas questões latino-americanas, é uma boa introdução a uma região complexa; e mesmo para aqueles que estão bem ao corrente das dinâmicas do continente tem certamente um valor instrutivo, agrupando questões que tendem a ser analisadas de forma isolada e especializada.